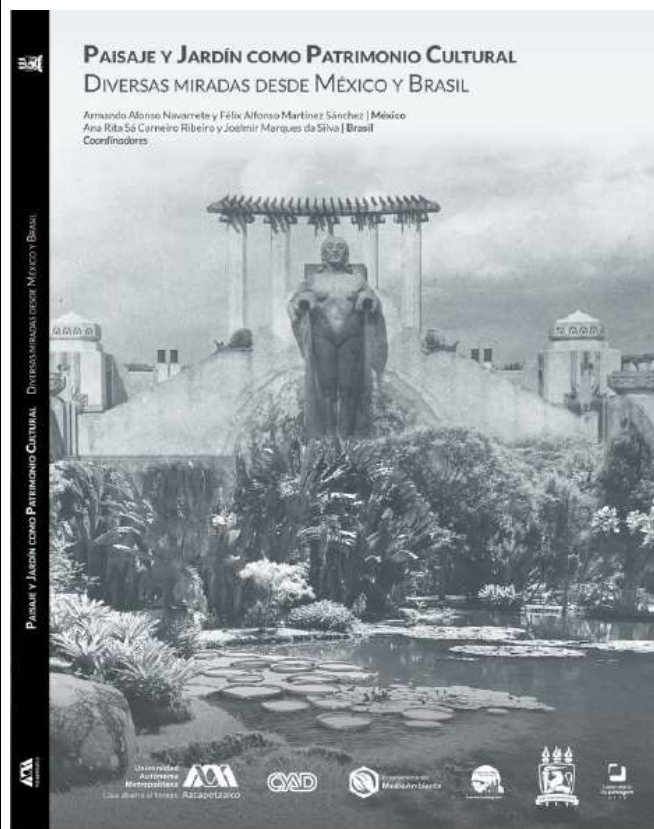


Para citar o enlazar este recurso, use: <http://hdl.handle.net/11191/7292>



Sá Carneiro Ribeiro, Ana Rita (2019).  
ORCID: [0000-0002-2750-5354](https://orcid.org/0000-0002-2750-5354)  
Marques da Silva, Joelmir (2019).  
ORCID: [0000-0002-8323-7171](https://orcid.org/0000-0002-8323-7171)

*Introdução [Paisaje y jardín como patrimonio cultural. Diversas miradas desde México y Brasil].*

p. 10-13

En:

Paisaje y jardín como patrimonio cultural. Diversas miradas desde México y Brasil / Armando Alonso Navarrete y Félix Alfonso Martínez Sánchez (México); Ana Rita Sá Carneiro y Joelmir Marques da Silva (Brasil), coordinadores. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, 2019.

Fuente: ISBN 978-607-28-1743-2 (versión digital).

Relación: <http://hdl.handle.net/11191/7292>

Universidad  
Autónoma  
Metropolitana  
Casa abierta al tiempo **Azcapotzalco**

Universidad Autónoma Metropolitana  
Unidad Azcapotzalco  
<https://www.azc.uam.mx/>

**Área de Investigación  
Arquitectura del Paisaje**

**CYAD**  
Ciencias y Artes para el Diseño

División de Ciencias y Artes para  
el Diseño  
<https://www.cyad.online/uam/>

**medioambiente**

Departamento del Medio Ambiente

<http://www.medioambiente.azc.uam.mx/jefatura.html>

Repositorio Institucional  
**Zaloamati**  
"Preservar con amor y cariño el saber"

<http://zaloamati.azc.uam.mx/>



Excepto si se señala otra cosa, la licencia del ítem se describe como

**Atribución-NoComercial-SinDerivadas**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

D.R. © 2019. Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Azcapotzalco, División de Ciencias y Artes para el Diseño, Departamento del Medio Ambiente, Área de Investigación Arquitectura del Paisaje. Se autoriza copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato, siempre y cuando se den los créditos de manera adecuada, no puede hacer uso del material con propósitos comerciales, si remezcla, transforma o crea a partir del material, no podrá distribuir el material modificado. Para cualquier otro uso, se requiere autorización expresa del titular de los derechos patrimoniales.

# INTRODUÇÃO

Paisagem e jardim são entremeios porque guardam similitudes quanto à substância constituinte que é a natureza, refletindo algo de cumplicidade procedente dos rudimentos primeiros de sua intenção. O estreito contato de um com o outro parece dar-se pelos elementos do meio ambiente (Cauquelin, 2007).

Então, atuando como intermediários ou intermédios na compreensão um do outro promovem mediação na representação da natureza. Esse entrelaçamento favorece um efeito de complementaridade, mas também gera certo conflito, talvez impositivo, diante da justaposição entre eles, como se isso implicasse numa suposta relação entre o que contém e o que está contido. Na visão de Anne Cauquelin, “o jardim evoca e invoca a natureza em obra –à qual corresponde uma atividade de jardineiro–, um pouco forçosamente, se assim posso dizer” (2007, p.11). Compreende-se que o jardim como artifício resulta do trabalho do homem com a natureza, o qual Cauquelin admite ser, de certo modo, forçado, porque subentende uma nova ordem.

No seu livro “A invenção da paisagem”, Cauquelin é convincente quando se refere à descrição tão minuciosa de um jardim, feita pela sua mãe, que se soma à sua voz e à imaginação e que a teria impelido na direção da paisagem. E chega a admitir, impressionada, se a “imagem desse jardim tão perfeito não seria o paradigma de todas as construções que depois passei a chamar de paisagens?” (Cauquelin, 2007, p.23). Porém, acrescenta que essa dedução agrega também outros jardins que a impressionaram como o de Monet e que contribuíram para modelar esse paradigma.

Essa relação próxima se concretiza no reconhecimento da paisagem e do jardim como patrimônio a ser preservado por instituições internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura-UNESCO e o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios-ICOMOS. Mesmo tendo sido destacado como bem patrimonial desde 1981 com a Carta de Florença, o jardim histórico integra a classificação de paisagens culturais de 1992, instituída pela Convenção do Patrimônio da Humanidade, o primeiro instrumento legal internacional para o reconhecimento e a proteção das paisagens culturais (Berjman, 2008).

A paisagem reconhecida como paisagem cultural abrange uma classificação mais ampla e inclui aquelas claramente desenhadas e criadas intencionalmente pelo homem que são os jardins e parques construídos por razões estéticas além das que evoluíram organicamente, sejam paisagem relíquia ou fóssil e paisagem contínua –que mantém ao longo do tempo um papel social–, e paisagem associativa relacionando tradição religiosa, artística ou cultural e elemento natural (Ribeiro,

2007). O jardim, portanto, constitui um tipo de paisagem cultural, aquela concebida e criada pelo homem.

Ao tratar da arte do jardim que soma cores, formas, arquitetura, música, Berjman (2008) ressalta o caráter dinâmico desse objeto composto por material vivo porque está em constante metamorfose uma vez que depende dos ciclos naturais – crescem, amadurecem e morrem. E ainda destaca a arquitetura da paisagem como a disciplina profissional que se ocupa de criar essas obras de arte, abarcando diferentes escalas de paisagem desde jardins menores, públicos ou privados, até grandes parques e sítios históricos.

Na intenção de expandir e privilegiar o debate internacional em torno da conservação e preservação do patrimônio no âmbito das paisagens e dos jardins releva-se a iniciativa dos pesquisadores da Universidad Autónoma Metropolitana do México ao convidar os pesquisadores do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Brasil, para uma troca de experiências o que resultou no '1º Seminário Internacional Paisagem e Jardim como patrimônio cultural México-Brasil' realizado em abril de 2015. Naquela oportunidade, firmou-se a louvável decisão da publicação do livro *Paisaje y Jardín como Patrimonio Cultural. Diversas miradas desde México y Brasil*.

O conjunto de artigos dos pesquisadores do Laboratório da Paisagem-UFPE aborda o binômio jardim-paisagem na esfera da conservação integrada de cidades brasileiras, abordando a teoria e a prática, com ênfase na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade, evidenciando a possibilidade de entrelaçar temas e discutir novos conceitos e metodologias.

Com enfoque na história dos jardins, Aline de Figueirôa Silva no seu texto 'Os jardins públicos na cultura paisagística brasileira', discorre sobre a difusão de jardins públicos no Brasil entre o final do século 19 e as três primeiras décadas do século 20 como parte do processo de urbanização, abordando modalidades do uso recreativo e as repercussões no desenvolvimento do paisagismo, considerando a importação de equipamentos estrangeiros e os desdobramentos das atividades estabelecidas. Relatando sobre os tipos de mobiliário e sua procedência revela como os jardins públicos tornaram-se espaços significativos no circuito de recreação urbana protagonizando e, ao mesmo tempo, testemunhando, as transformações políticas, culturais e sociais do país.

Pondo em destaque os projetos de jardins de Roberto Burle Marx, um dos principais paisagistas do século 20, Ana Rita Sá Carneiro em seu texto 'Princípios paisagísticos dos jardins de Burle Marx' apresenta os princípios paisagísticos na concepção dos primeiros jardins da carreira do paisagista na cidade do Recife

da década de 1930 e que permaneceram na prática profissional no Brasil e em vários países. Pontua, a partir dos seus depoimentos e da interpretação de outros autores, como se formaram os diferentes saberes artísticos, históricos e botânicos, que constituíram os princípios paisagísticos do jardim moderno como obra de arte. Concebendo o jardim como “natureza organizada segundo leis arquitetônicas”, o artista Burle Marx, trata da complexidade do jardim como representação da paisagem e caracterizando a arquitetura de paisagem.

Diante da ausência de discussão da paisagem no planejamento da cidade, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras expõe em *‘A imagem e a palavra como instrumentos de captura de paisagem: uma experiência brasileira’* as transformações das bordas do Cais José Estelita no centro histórico do Recife, Brasil, iniciadas em 2003, mediante a construção de duas torres residenciais de 41 pavimentos. Recorre a Augustin Berque, Simmel e Cauquelin para embasar a escolha das variáveis, imagem e palavra, como instrumentos do método de apreensão da noção de paisagem e desejos de uma paisagem futura extraída de arquitetos, legisladores, empreendedores, fotógrafos, cineastas, pintores, escritores e moradores, diante da ameaça à continuidade desta transformação nesta mesma linha de Cais com a possível implantação do projeto chamado ‘Novo Recife’.

Visando refletir acerca da paisagem das unidades protegidas no contexto patrimonial, Onilda Gomes Bezerra apresenta *‘A paisagem como patrimônio nas unidades protegidas brasileiras’* enfocando os parques nacionais brasileiros patrimônios da humanidade. Ao discorrer sobre a noção de paisagem aplicada ao patrimônio natural, reconhecida segundo os princípios e as diretrizes das cartas patrimoniais, a autora mostra que a paisagem dos bens naturais relaciona-se ao aspecto estético da morfologia da natureza, ou seja, à beleza cênica ou experiência estética diante das formas materiais dos processos biológicos e geofísicos. No caso dos parques nacionais brasileiros foram identificados outros atributos que se relacionam a valores socioculturais referentes a processos humanos do passado e do presente, que marcaram a história desses lugares e/ou sítios ampliando sua significância. Tal constatação se fortalece com a noção de paisagem da Convenção Europeia da Paisagem (2000) quando se deixa de enfatizar o caráter estético da materialidade dos bens para incorporar dimensões mais complexas da vida humana e da natureza.

E, evidenciando a paisagem de águas, Luiz Goes Vieira Filho em seu texto *‘Paisagem do rio estruturando o Parque Capibaribe em Recife’* trata do projeto paisagístico das margens do Rio Capibaribe denominado Parque Capibaribe, que é um eixo estruturador da paisagem do Recife, Brasil, ao nortear

historicamente o desenvolvimento dessa cidade aquacêntrica. Com vistas à requalificação dessas margens com percurso de 30 km, foi firmado um convênio entre a Prefeitura do Recife e a Universidade Federal de Pernambuco, em 2013, contando com uma grande equipe de profissionais de diversos campos do saber, incluindo outras universidades, inclusive internacionais. A morfologia do rio com o manguezal, a fauna, as pontes e parques existentes configuram uma paisagem singular potencializando um entorno que foi expandido em um km passando a constituir a zona parque, região de intervenção definida a partir da premissa de que um parque linear seria inviável sem a respectiva interação e integração com o tecido urbano ribeirinho. A estruturação da zona parque está baseada em cinco premissas de requalificação, renovação e implantação de vias e espaços públicos viabilizando o uso pela população, definidas como: chegar, abraçar, atravessar, percorrer e ativar.

Diante do exposto percebe-se que o debate sobre paisagem e jardim só está começando e precisa ser perseguido e fortalecido pelos centros de pesquisa para garantir a conscientização dos dirigentes, profissionais e a população em geral na perspectiva da sua conservação como patrimônio. Como estudioso dessa causa, Jacques Leenhardt adianta que: “O jardim e a paisagem não são propriedades exclusivamente privadas, como pode ser um quadro. Seu status social implica numa reflexão que inclui as necessidades e desejos que dão sua forma à vida humana em geral, ou seja: repensar sua relação com a natureza” (Leenhardt, 2009, p.96).

Assim, como afirma Leenhardt, a discussão em pauta revela a necessidade de repensar a relação das pessoas com a natureza, o que se reflete no espaço público que é a cidade. Conservando o jardim, também se conserva a paisagem e se demonstra o respeito pela natureza, o que é bem sintetizado por Cauquelin (2007), ao lembrar que falar de jardim é relembrar paisagens que marcaram a história de vida de cada ser humano, é conhecer mais a alma humana.

Ana Rita Sá Carneiro  
Joelmir Marques da Silva